

**EU, PROFESSOR? AS EMOÇÕES DO LICENCIANDO EM HISTÓRIA
DESPERTADAS EM SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COMO ESTAGIÁRIO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DA AMAZÔNIA**

Jaqueline Ferreira da Mota

Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA)

jaquelinefdamota@gmail.com

Após três semestres - formados pelo período de 16 meses no calendário universitário, incluindo os recessos - como professora substituta da disciplina “Estágio Supervisionado em História” na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), campus de Santarém, orientei 120 relatórios analíticos redigidos pelos estudantes da Licenciatura em História, nas modalidades de Observação (Estágios I e III) e de Regência (Estágios II e IV). Em meu último semestre, encerrado em fevereiro de 2019, quando também entreguei meu cargo na universidade para assumir como professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA), orientei uma turma de alunos de graduação em sua primeira experiência na escola básica e pude conviver com suas dúvidas, inquietações, curiosidades e momentos de confronto consigo mesmos, fazendo-se, talvez pela primeira vez, a pergunta “Sou professor?” e “É para trabalhar na escola básica que estou me formando?” ou ainda “Pretendo seguir na carreira?”. Este artigo versa sobre minha interlocução com eles e a partir do que redigiram em seus relatórios analíticos em sua primeira experiência na escola pública, ocorrida no contexto da disciplina *Estágio Supervisionado em História I*. Analisaremos o total de relatórios aprovados na disciplina, 19, com o objetivo de inventariar as emoções declaradas pelos licenciandos e problematizar a distância entre a universidade e a escola pública detectada por eles, bem como o choque de realidade que o aluno da graduação sofre ao adentrar pela primeira vez a sala de aula do ensino fundamental II, um choque que me surpreendeu, já que a universidade supõe que ele esteja minimamente preparado, tendo em vista as diversas matérias teóricas sob o eixo do Ensino de História cursadas pelo licenciando antes da etapa dos estágios supervisionados nas escolas públicas em turmas de fundamental II, como *Metodologia*

do Ensino de História I, Metodologia do Ensino de História II, Didática, Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação, Psicologia da Educação e da Aprendizagem, bem como o objetivo geral desse curso de graduação, que segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em História,

O curso de Licenciatura em História tem como objetivo a formação de profissionais que atuarão como professores, no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, cujas práticas pedagógicas sejam capazes de superar o simples domínio de conteúdos em favor de uma atuação docente pautada na reflexão dos métodos e critérios de produção interdisciplinar. Em uma região com notável biodiversidade e sociodiversidade, além da histórica desigualdade social, espera-se a formação de profissionais capazes de articular o conhecimento sobre o tempo e o espaço em prol de uma reflexão pedagógica que permita pensar os problemas enfrentados pela região de forma crítica, analítica e prospectiva. (BRASIL, 2017, pp. 20-21)

Além disso, o primeiro objetivo específico do curso, segundo esse mesmo PPC, é “Preparar profissionais para a atuação no magistério de Educação Básica, no Ensino Fundamental II e Médio, no campo da História e as possibilidades de interdisciplinaridade e as transversalidades” (BRASIL, 2017, p.21). Assim, a formação de professores da escola básica, claramente, é a principal bandeira do documento oficial do curso, publicado em 2017.

Com relação ao Estágio,

O estágio supervisionado, no curso de Licenciatura em História da UFOPA, objetiva possibilitar aos licenciandos estagiários: a aprendizagem de competências próprias da atividade profissional por meio de contextualização dos conteúdos curriculares e desenvolvimento de atividades específicas ou associadas à área de formação do estagiário, objetivando o preparo do educando para a vida cidadã e para o trabalho; a ampliação de conhecimentos teóricos aos discentes em situações reais de trabalho; proporcionar aos discentes o desenvolvimento de habilidades práticas e o aperfeiçoamento técnico-cultural e científico, por intermédio de atividades relacionadas a sua área de formação; desenvolver habilidades e comportamentos adequados ao relacionamento sócio-profissional. (BRASIL, 2017, p. 84)

Segundo o *Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em História* da UFOPA, como podemos ler acima, o objetivo do estágio supervisionado é, dentre vários pontos, possibilitar aos licenciandos a aprendizagem de competências próprias para a atividade profissional e prepará-los para o trabalho inserindo-os em situações reais de trabalho. Em síntese, para o documento oficial do curso, é bastante claro que a

escola de ensino fundamental e médio é um dos locais de trabalho, senão o principal, onde atuará o egresso dessa licenciatura.

Como é possível, então, que do ponto de vista dos licenciandos, haja alguma dúvida de que trabalharão como professores?

Começaremos nossa busca por respostas nos 19 relatórios, nosso *corpus* escolhido para respondermos esta primeira pergunta separando as impressões dos estagiários entre aqueles que veem a universidade como formadora de professores e aqueles que acreditam que há uma distância entre as duas realidades.

O estágio como formador da identidade docente

Segundo FONSECA (2011, p.7), é necessário buscar a história do ensino de História para que possam ser esclarecidas muitas questões que envolvem o trabalho de historiadores e de professores e que não podem sempre ser respondidas pela observação direta e pelo fazer cotidiano, porque pensar o ensino de História na sua historicidade significa buscar uma compreensão mais clara sobre o significado de ensinar História nas escolas. Quando lemos a conclusão do relatório do estagiário Reinaldo Araújo, notamos que há uma clareza e uma certeza da relação entre o estágio e a futura profissão, já que segundo ele, o estágio “Contribuiu de forma significativa para o enriquecimento de nossa prática pedagógica, uma vez ter sido de grande relevância para o nosso crescimento pessoal e profissional (...)” (ARAÚJO, 2019, p.29), bem como a impressão de que a universidade não está distante da escola, “Notei também que a teoria pensada e discutida em âmbito acadêmico, não foge à realidade escolar” (ARAÚJO, 2019, p.29). Ele justifica a proximidade entre escola e universidade citando Selva Guimarães Fonseca (2003) e Jörn Rüsen (2010), autores que apontam a necessidade de desenvolver a cidadania dos alunos e permitir o desenvolvimento da consciência histórica deles, teorias que para Araújo, devem ser adotadas pelo professor de história.

Os autores citados por Araújo compõem a bibliografia da parte teórica do curso de *Estágio Supervisionado em História I* e podemos, a partir da conclusão dele, inferir imediatamente a necessidade do desenvolvimento do estágio supervisionado nas escolas

em conjunto com as aulas teóricas na universidade. Essa compreensão é bastante clara para o PPC do curso de História ao apresentar, na oferta da disciplina, um lugar na grade horária para que o professor orientador tenha uma disciplina com 15 encontros na universidade. Por dois semestres, exige a frequência de 60 horas-aula na escola liberando a frequência na universidade, embora muitos alunos comparecessem às aulas sem essa cobrança institucional. Os relatórios mais consistentes teoricamente, em geral, pertenciam aos alunos mais assíduos, e uma clareza do desenvolvimento do estágio quase sempre era embasada pela bibliografia do curso.

Se, por um lado, há um estranhamento inicial sobre o local da sala de aula da escola, há também clareza sobre o que não deve ser o Estágio de Observação. Em seu relatório, o acadêmico Carlos Nogueira aponta o que considerou inusitado nas funções que lhe foram atribuídas durante sua estadia na escola, “A vivência transcorreu sob alguns aspectos inusitados, como adiantar uma prova de matemática para uma turma de 5º ano, adiantei várias aulas de história a pedido da professora e até da diretora, passei questionários, corrigi exercícios” (NOGUEIRA, 2019, p.9). O relato de Nogueira nos mostra as profundas carências pelas quais passa a escola pública, que vê no estagiário da universidade uma solução improvisada para suprir a ausência de professores de História e de Matemática, bem como de profissionais da escola que também poderiam ter executado tais atividades na ausência dos responsáveis. Para ele, “Os aspectos positivos do estágio, foram a atuação na prática, pude acompanhar como se deve obter êxito na aula (...)” (NOGUEIRA, 2019, p.22) e ainda “Tenho boas perspectivas para minha atuação como docente, tendo em vista o que está sendo adquirido na academia (...)”(NOGUEIRA, 2019, p.22). Também no relatório de Nogueira vemos que para ele há uma relação entre a formação universitária que está recebendo e a futura profissão que exercerá, a docência.

Tomando o relatório do colega de estágio de Nogueira, Bruno Lopes, realizado, portanto, na mesma escola, vemos que para ele, o estágio é decisivo para as certezas quanto à permanência na profissão de professor, “A disciplina de estágio foi de certa forma um desafio e com ela nossa turma de licenciandos pode conhecer a vivência da

sala de aula da escola básica e se tinham alguma dúvida de que querem seguir a carreira de professor, com certeza já não tem mais” (LOPES, 2019, p.23). A conclusão de Bruno Lopes vem depois de mencionar que, apesar dos debates de que participou na universidade sobre as condições da escola pública, debates provavelmente realizados nas disciplinas do Eixo do Ensino de História da grade curricular da graduação, citadas no começo deste texto, o estágio foi fundamental para que ele percebesse que a realidade é bem mais complexa e que estar lá permitiu com que ele problematizasse causas, consequências, soluções e estereótipos com relação ao ensino público e periférico,

No presente estágio na escola UBALDO CORREA, tive uma experiência que logo de primeira foi um impacto, lógico que sempre debatemos em sala de aula na Universidade a real realidade das escolas públicas, mas quando nos deparamos com a nossa própria visão, percebemos que o mundo em que o educandário está inserido é ainda pior, e ver como a nossa supervisora de estágio lida com todos esses obstáculos foi um real aprendizado para nossa vida acadêmica e poder relatar isso para terceiros foi também gratificante, pessoas até se assustaram por ter uma outra visão da escola pública, ainda mais da periferia. Ademais, esse estágio de observação me serviu para esclarecer que realmente quero lecionar e tentar de algum modo ajudar a educação onde realmente ela precisa. (LOPES, 2019, p.16)

Lopes relata, ao final de sua experiência na escola, que o estágio de observação reafirmou sua vontade de trabalhar como professor e que conviver com a professora da escola foi um grande aprendizado para sua formação.

O relato do estagiário Elias Barros traz explicitamente a sensação de choque experimentada em seus primeiros dias na escola, “O contexto das aulas teóricas na universidade, não condiz com a realidade das escolas públicas de educação básica (...)”(BARROS, 2019, p.8) e ainda “A experiência que tive em sala de aula nesse período de estágio, foi um choque de realidade, entre o que aprendemos na universidade e a realidade enfrentada pelos professores em sala de aula, os alunos não respeitam os professores (...)”(BARROS, 2019, p.26) e destaca que

Se o Estado como autoridade máxima não tomar nenhuma providência quanto à formulação de determinar ao professor autoridade plena em sala de aula, não teremos uma boa perspectiva para a prática da docência nas escolas públicas do nosso país. Ou seja, com essa atual conjuntura que se apresenta aos professores, não tem como se ter uma boa perspectiva para desenvolver

um bom trabalho como professor, e isso se mostra a nós como essa grande falta de profissionais na área da educação. (BARROS, 2019, p.26)

Para Barros, a realidade da escola, responsabilidade do Estado, deve oferecer condições para que o professor seja respeitado na sala de aula para que consiga desenvolver seu trabalho. A observação do aluno é que a universidade não ensina isso e essa falta de apoio, para Barros, é o que explica a grande carência de profissionais na área do ensino. Comparando o relato de Barros com o do estagiário Raphael Sales, podemos ver que “Teoria nenhuma pode prever o que acontece numa sala de aula, se os alunos têm problemas familiares ou se a falta de recursos dificultará as aulas, tudo isso pode alterar o melhor dos planos de aula. A sala de aula é um campo de constante adaptação (...)” (SALES, 2019, p.39), reafirmando a necessidade do estágio na formação do licenciando, quando ele poderá se deparar com a rotina escolar e se dar conta da subjetividade e da sensibilidade que envolvem a profissão docente, além de “Este contato que obtive com a sala de aula foi muito gratificante, e me deu mais certeza que quero estar na sala de aula (...)” (SALES, 2019, p.39), quando o período do estágio alicerça a certeza da profissão ao possibilitar respostas a partir do convívio com os alunos do ensino fundamental e com a habilidade do professor da escola em resolver problemas.

O relato do estagiário Alcimar Corrêa, que estagiou na Vila de Alter do Chão em uma escola indígena sob a responsabilidade da Prefeitura de Santarém, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Antônio de Sousa Pedroso (Indígena Borarí), destaca as questões subjetivas que permeiam a docência e que não estão relacionadas a teorias historiográficas, como a falta de motivação dos alunos, “(...) destaco a dificuldade que o professor tem para mediar o conhecimento, mesmo com todo esforço o que era perceptivo, a falta de motivação por parte dos alunos era tão grande que causava um desconforto na turma toda” (CORRÊA, 2019, p.3). Para Corrêa, a solução para o desinteresse dos alunos passa por uma reflexão sobre as realidades e as dificuldades enfrentadas por esses alunos, bem como seu contexto familiar e, principalmente, pela infraestrutura das escolas que está longe de oferecer condições adequadas tanto para o professor como para os alunos, como falta de lugar para todos os

alunos, calor nas salas e falta de livros didáticos. Em seu relato, Corrêa conclui que a disciplina de estágio é essencial para a formação de futuros professores e que essa experiência proporcionou a oportunidade de vivenciar a rotina do professor de História, tendo contribuído com sua formação e preparação como futuro docente. (CORRÊA, 2019, pp.3-4; 31)

A acadêmica Amanda Branches nos conta que até o momento do estágio não tinha certeza se seguiria a carreira docente, sendo o contato com a escola decisivo para um esclarecimento quanto a seu futuro, “(...) admito que possuía minhas ressalvas se lecionar era o que desejava para minha vida profissional, mas com esse estágio pude perceber que sim, estou na área certa (...)” (BRANCHES, 2019, p.52), nos levando até aqui a uma reflexão sobre o papel das disciplinas anteriores ao momento do estágio supervisionado nas escolas públicas da cidade. Durante os encontros na universidade, muitas vezes ouvi reclamações dos licenciandos quanto à falta de conexão entre as disciplinas teóricas do Eixo do Ensino de História entre si e a falta de encadeamento entre elas e os 4 estágios supervisionados desenvolvidos pelos licenciandos em sequência. Pelo que observei, algumas dessas disciplinas são ministradas por pedagogos e outras por historiadores e, aparentemente, não há um diálogo entre esses profissionais que resulte em discussões mais proveitosas para os graduandos no sentido de se sentirem professores ou refletirem sobre as mais diferentes teorias e metodologias do campo da Educação. É preciso observar, todavia, que esse curso de Licenciatura é jovem e que também a universidade é bastante recente, tendo sido criada em 2009: vejo que é muito cedo para se exigir uma consolidação metodológica ou teórica, mas acredito que as experiências dessas primeiras turmas de estagiários devem ser consideradas num momento de reformulação da grade curricular, que até o momento não exige pré-requisitos nem para disciplinas teóricas e tampouco para a sequência dos estágios. Nesse período em que atuei tanto como professora das disciplinas teóricas de *Metodologia do Ensino de História I e II* quanto como professora dos 4 estágios, observei que há necessidade de se exigir do graduando uma sequência de pré-requisitos teóricos antes que ele adentre o espaço da escola básica, bem como é fundamental

impor o Estágio de Observação como requisito ao Estágio de Regência. É preciso lembrar também que esse curso de licenciatura passa por uma fase específica, tendo de lotar essas disciplinas com professores temporários, haja vista que os professores titulares das cadeiras de ensino estão licenciados para poderem cursar o Doutorado e, ainda assim, muito da organização oferecida atualmente pela graduação foi preparada e estabelecida por esses professores. A meu ver, do ponto de vista da estrutura curricular, falta muito pouco para que a universidade ofereça uma situação ideal que reduza o estranhamento sentido pelo licenciando quando confrontado com a possibilidade de que o ensino será seu principal campo de trabalho.

A relação entre as disciplinas teóricas do Eixo do Ensino de História e o Estágio Supervisionado foi observada pela acadêmica Naira Matos, que em seu relatório afirma que a teoria discutida na universidade ainda não chegou às salas de aula das escolas públicas e que o estágio foi o momento de testar experiências que poderão ser utilizadas quando for professora.

No entanto, a minha trajetória no estágio também me trouxe aprendizados, pois foram muitas as experiências vivenciadas, que posso aderir ou não quando exercer a profissão de professora. Tenho grandes perspectivas para quando estiver numa sala de aula praticando esse ofício, pois a realidade da educação, mais precisamente do ensino de História, que pude observar, concluí que muito do que já aprendemos na universidade, nas disciplinas de Metodologia do Ensino de História I e II ainda precisa chegar às salas de aulas das escolas públicas. (MATOS, 2019, p.35)

Pelo relato de Naira Matos podemos ver que o licenciando vê uma conexão entre a teoria da universidade e as formas mais adequadas do que deveria ser o Ensino de História na escola básica, conexão que para ela ficou clara também quando avaliou o método de aula da professora da escola, considerado como absurdo e cansativo, “Um exercício que a professora passa para eles são tem média 35 a 40 questões, algo quase absurdo e, sobretudo, cansativo” (MATOS, 2019, pp. 6-7) e também classificado como um método tradicional segundo a bibliografia do Ensino de História estudada pela acadêmica nesses cursos teóricos, “A metodologia tradicional de ensino, com a qual a professora trabalha na sala de aula, já vem sendo debatida entre muitos especialistas em ensino de História.” (MATOS, 2019, p.7). Para nós, essa percepção foi alcançada pela

acadêmica justamente pela carga teórica que ela havia experimentado na universidade antes de começar seu estágio de observação, donde reforçamos nossa proposta dos pré-requisitos teóricos que devem ser vinculados à experiência do Estágio Supervisionado, bem como a necessidade da parte teórica desenvolvida em aulas na universidade concomitantemente ao exercício do estágio nas escolas da rede básica de ensino. Isso foi apontado pelo estagiário Natalino Santos,

As aulas presenciais do estágio supervisionado realizadas na Universidade Federal do Oeste Pará, foram fundamentais para a experiência do estágio em observação uma vez preparou o estudante para a vivência da prática nas atividades educativas na rede pública de ensino no município de Santarém-Pará. (SANTOS, 2019, p.9)

Parece ser um consenso a necessidade de ofertar a disciplina de Estágio no formato teórico-prático. Mas estamos falando de quantos estagiários sob a tutela de um único professor?

O relato do estagiário Esaú Nascimento também demonstra que os alunos relacionam as discussões teóricas sobre o Ensino de História e o período do Estágio, “Assim como alguns textos sobre a profissão de professor que também foram bastante acrescentadores para nossa consciência de uma turma de licenciatura. Revistamos alguns assuntos abordados na disciplina de metodologia do ensino I, como consciência histórica (...)” (NASCIMENTO, 2019, p.12). Além das discussões pregressas sobre a profissão de professor na disciplina de *Metodologia do Ensino de História I*, para Nascimento, as aulas teóricas na universidade foram fundamentais para que sua turma se conscientizasse sobre sua profissão e sobre estar em uma turma de licenciatura. A parte teórica do estágio já foi declarada como fundamental por Pimenta e Lima (2012).

Algo que talvez ainda não tenha sido abordado muito claramente: a lotação de uma turma de Estágio Supervisionado. Atualmente, o curso de licenciatura em História lança uma turma ingressante com 50 alunos e, se isso não é um problema para um curso estritamente teórico, é algo alarmante para um curso teórico-prático. Como professora substituta, eu fui responsável por três turmas de Estágio nos dois últimos semestres e alternava as atividades para dar conta de tudo: enquanto uma turma recebia orientação

individual do relatório, a outra ficava dispensada das aulas para poder redigir seu relatório e, a meu ver, isso só foi possível porque uma das turmas era bem menor, tendo no final apenas 8 alunos aprovados, enquanto as outras duas tiveram 18 e 19, num total de 45 relatórios aprovados. Foi muito trabalho e, ainda assim, só consegui dar conta porque foram muitas as desistências. Levando em consideração de que as desistências tendem a diminuir e as turmas seguirão com uma média 40 a 50 alunos matriculados na disciplina de Estágio, desenvolvendo suas atividades nas escolas, orientados por um professor universitário que deverá dar conta de pelo menos 2 turmas desse tipo por semestre, em algum momento a lotação tanto do professor quanto das matrículas por turma deverão ser reconsideradas. Nesse cenário, apesar de meu esforço para orientar individualmente os alunos e seus relatórios, foi impossível visitá-los na escola, uma queixa frequente nos relatórios, “A ausência de alguém da faculdade é muito sentida e comentada tanto pela professora como pelo diretor, dando a impressão de abandono do aluno” (RODRIGUES, 2019, p.33). Na lotação atual, 2 turmas com uma média de 80 estagiários por semestre, o professor efetivo também ficaria impossibilitado de realizar todas as visitas necessárias, menosprezando a queixa dos profissionais da escola.

Para nós, isso demonstra que o professor de Ensino, muitas vezes, está isolado do restante de seus colegas da faculdade e a responsabilidade de formar professores recai apenas sobre ele. Há um desconhecimento da carga mental a que é exposto o professor da disciplina de Estágio, já que todas as dificuldades, frustrações e desencantos dos licenciandos serão socializados com ele, que muitas vezes também será responsabilizado pelos insucessos da trajetória do licenciando na escola. Um primeiro passo por parte da universidade seria requerer mais profissionais especializados na área de Ensino para dividirem o trabalho de orientar turmas tão cheias de estagiários, além do trabalho com a parte teórica do Ensino de História que é requerida para o estagiário já em seus primeiros dias na escola.

O estagiário Maurício Vasconcelos nos aponta porque entende o estágio de observação como fundamental para a profissão de professor, experiência que o permitiu conferir quais as atribuições desse profissional,

É difícil citar os pontos negativos da experiência que obtive, pois durante o estágio obtive toda orientação da gestão administrativa, da gestão pedagógica e da própria professora que acompanhei. Todos os momentos do estágio foram marcantes para minha experiência profissional, compreender que a realidade dentro da sala de aula, principalmente na prática do docente não é tão simples como algumas pessoas costumam imaginar, observei que as coisas nem sempre saíram conforme o planejamento. Ser professor significa superar desafios que a educação está passando. Necessita-se antes de uma dedicação para com o ensino, para que possa superar as dificuldades, assim chegar ao objetivo final, que é o de possibilitar a construção do conhecimento nos alunos. (VASCONCELOS, 2019, pp.38-39)

Até aqui, portanto, vimos que a experiência do estágio é decisiva para o esclarecimento da profissão docente e é fundamental que ela seja teórico-prática e precedida por cursos teóricos, tanto para uma melhor experiência do estagiário como para o desenvolvimento da metodologia proposta por Pimenta & Lima, a do estágio como uma experiência de pesquisa. Isso é declarado pela estagiária Deise Sá, “Considerando todos os fatos ocorridos dessa experiência em campo, tenho uma boa perspectiva para a minha prática docente, analisando as aulas nas turmas posso prever um ensino diferenciado para meus futuros alunos (...)” (SÁ, 2019, p. 35), onde vemos que o estágio possibilitou a ela a perspectiva de como ser um profissional diferenciada em sua carreira docente. Para Natalino Santos, o período de estágio foi um momento de despertar para sua profissão,

O estágio supervisionado em história I foi o momento que de fato me despertou para a realidade do curso de licenciatura que é a formação de professor. Foi um estalo para perceber que o nosso futuro ambiente de trabalho é a escola e todas as atividades pedagógicas desde a produção do plano de aula até sua execução sofrerá algumas readaptações porque o espaço escolar é diverso e inquietante. (SANTOS, 2019, p.59).

Para o estagiário Elesson Silva, o estágio foi fundamental em sua trajetória de futuro docente, “Acredito que esse primeiro momento contribuirá de maneira positiva para a minha futura profissão, as observações e intervenção me permitiram enriquecer ainda mais os conhecimentos já construídos ao longo da graduação (...)” (SILVA, 2019, p.41). E para o estagiário José Augusto Vasconcelos, a disciplina de estágio está de acordo com sua formação, “A partir do que fora discutido ao longo do relatório, é considerável a quantidade de experiências que absorvi, uma vez que serei professor de

História.” (VASCONCELOS, 2019, p.34) além de reafirmar a necessidade da realização do estágio,

Por fim, o Estágio Supervisionado em História I, assim como os demais estágios, são cruciais na formação de futuros docentes, pois é com eles que aprendemos de verdade sobre o dia a dia das pessoas que tentam mudar o mundo com a educação. Com isso, a busca por excelência de profissionais fica evidente, pois assim como aqueles que observei durante 7 semanas, o seu compromisso com a educação e formação de cidadãos críticos é exemplar para toda a sociedade. (VASCONCELOS, 2019, p.35)

Para Vasconcelos, o estágio é fundamental para compreendermos as atividades dos profissionais da escola, compreensão que se faz necessária para ele como futuro docente.

A docência da escola não está na universidade

Se, por um lado, o estágio é visto como uma experiência decorrente de um curso de licenciatura e se complementaria às discussões desenvolvidas no espaço universitário, por outro, alguns alunos se surpreenderam com o fato de que a universidade está muito longe de discutir o que eles encontraram nas escolas. Essa é a impressão do estagiário Elivaldo Pinto,

A docência na prática está longe do que aprendemos na universidade. Quando se trata de disciplinas que alguns alunos acreditam ser secundárias como a história, o conteúdo torna-se algo entediante e menosprezado. O estágio apresentou-se como uma amostra da desvalorização do papel do professor e da disciplina de história. Ao adentrarmos na universidade nos deparamos com um universo novo, com descobertas que fazem ver o mundo com outros olhos, além disso nos faz ser problematizador, questionador de tudo o que antes achávamos que era verdade, e nos faz acreditar que ser professor é uma tarefa fácil, porém quando chegamos na sala de aula como docente, principalmente no ensino fundamental, a realidade é completamente diferente do que aprendemos na academia. (PINTO, 2019, pp.7-8)

Para Elivaldo Pinto, há uma especificidade da disciplina de História na escola, pois ela é considerada secundária e entediante e por isso é menosprezada. Esse menosprezo sofrido pela disciplina não é apontado na universidade e, mais ainda, para ele, a universidade provoca uma ilusão ao se propor oferecer tudo o que seria necessário

para ensinar História no ensino fundamental. Para Pinto, é mais difícil ensinar História do que as outras disciplinas porque é necessária uma disposição do aluno, “Ensinar história é mais complexo do que as outras disciplinas, isso porque, entender história é retornar ao passado, mas nem todos os que estão para serem ensinados estão interessados nessa descoberta” (PINTO, 2019, p.15) e quando não há esse interesse, o professor precisa se esforçar mais, “Demandando um esforço maior dos professores dessa disciplina para que o aluno tenha interesse em aprender sobre o seu passado.” (PINTO, 2019, p.15)

O estagiário Antonio Rodrigues foi confrontado pela professora da escola a esquecer toda a teoria da universidade, e ele mesmo se sentiu em um mundo do qual parecia não fazer parte,

Na realidade escolar tudo que estudamos teoricamente parece que se esvai, a percepção é de que estamos perdidos em um mundo que não fazemos parte, tudo parece se resumir a uma das primeiras palavras a mim dirigida pela professora supervisora “esquece tudo o que você aprendeu na faculdade que aqui é tudo diferente, lá vocês estudam só teoria que não tem nada a ver com a sala de aula”. Pensando nessas palavras de boas vindas da professora, procurei fazer do estágio um exercício de aproximação entre a teoria universitária e a prática da realidade escolar, tentei fazer uma ação de alteridade colocar – me no lugar da professora e pensar como eu resolveria as situações que se apresentam para a professora. (RODRIGUES, 2019, p.8)

Aqui vemos a percepção da professora da escola, para quem as teorias universitárias não têm relação com a sala de aula da escola básica. Outra situação que também deve ser revista pela estrutura do estágio na universidade é a relação entre os professores orientadores da universidade, os professores supervisores do estágio na escola e os estagiários. Observei que muitos professores das escolas não têm conhecimento dos objetivos do estágio e nem das atribuições dos estagiários, e a relação entre a universidade e as escolas campo de estágio parece ocorrer apenas em termos burocráticos, por meio de convênios entre universidade e a prefeitura de Santarém e entre a universidade e o governo do Estado. O estagiário Antonio Rodrigues chegou à mesma conclusão de Elivaldo Pinto, sobre a especificidade da disciplina de História na escola,

O ensino de História na escola não tem a mesma prioridade que as outras disciplinas, como por exemplo Matemática e Língua Portuguesa, segundo a professora, qualquer atividade fora dos conteúdos planejados é cerceada pelo diretor e qualquer atividade de outra disciplina o tempo a ser cedido é o da disciplina de História. (RODRIGUES, 2019, p.33)

Essa especificidade do tratamento da disciplina de História pela escola é desconhecida por nós na universidade. Ministrei as disciplinas de *Metodologia do Ensino de História I e II* e nunca discuti isso com os alunos. A distância entre a universidade e a escola não está apenas nas concepções de ensino, mas em questões básicas como o lugar da disciplina nas atividades curriculares da escola e no papel da disciplina para a formação dos alunos.

O estagiário Pablo Santos também relata suas dificuldades na escola do ensino fundamental,

E após esse dia dei por encerrado minha trajetória de estágio e quero deixar aqui registrado que observei as aulas, as turmas, os alunos e posso afirmar humildemente que ser professor para adolescentes não é fácil, que apesar de todos os esforços do docente sempre é algo que precisa ser melhorado e ao meu ver as ferramentas tecnológicas precisam ser de boa qualidade e precisam de uma manutenção permanente e os alunos precisam ter um melhor interesse em aprender, pois, é impossível ensinar alguém que não quer aprender. (...) Ser perguntarem ser foi fácil tudo isso que passei, eu direi que não. A rotina da sala de aula depois de um tempo ser torna cansativo, e mesmo não tendo sido tempo normal que nem a professora concursada passa com os alunos, o discente sentiu o baque, talvez tenha sido devido à falta de experiência devido esse ser seu primeiro relatório de estágio. (SANTOS, 2019, pp.7;16)

Para a estagiária Daniele Silva, é nas salas de aula que se aprende a ser professor, “Destacando a importância do estágio, frisando que seremos professores, devemos saber também o que realmente é ser um professor de história, não descobrimos isso apenas na teoria, mas nas salas de aula (...)” (SILVA, 2019, p.8), embora tenha tido uma experiência positiva no estágio, “Contudo, estou muito agradecida e esperançosa, com a experiência do estágio, e ansiosa para os demais que ainda virão. Tenho grandes expectativas para aprender mais sobre o que é ser uma boa professora (...)” (SILVA, 2019, p.14).

Para Denílson Silva, o estágio foi um momento de confronto com a realidade de ter de trabalhar como professor,

A disciplina de estágio se tornou um desafio para os alunos da licenciatura e de certo modo situou muitos a respeito do curso, a oportunidade de estar na sala de aula proporcionou não só para mim, mas para uma boa parte da turma, que até então não tinha se dado conta de que seriam professores, a experiência serviu para abrir os olhos dos acadêmicos, e acaba se tornando também um momento muito delicado na formação, pois surgem as dúvidas, se é isso mesmo que queremos, ou o contrário, confirmando ainda mais a decisão de ser professor, minha opinião em relação ao que vivi, é que tenho muito o que aprender ainda, tanto com aquele professor cansado da rotina, como com os alunos cansados das aulas monótonas. (SILVA, 2019, p.22)

Ou seja, até aquele momento, para alguns, não havia uma clareza da profissão, que só veio com o ingresso na sala de aula da escola básica e, ainda assim, segundo Silva, é um momento delicado e que nem sempre os estagiários poderão confirmar se seguirão na carreira, sendo mais uma etapa de dúvidas e reflexão.

De minha parte, como professora do ensino médio regular e da modalidade EJA de uma escola básica da zona rural da cidade de Santarém, oeste do Pará, desde março de 2019, posso dizer que o estranhamento da sociedade em geral com relação à escola pública decorre, na maioria das vezes, pelo desconhecimento do funcionamento da escola e, principalmente, pelo desinteresse em conhecer. Se, por um lado, o avanço da pós-graduação no país modificou profundamente para melhor a qualidade de nossa formação como historiadores, por outro, nossa formação como professores ficou em segundo plano e a carreira de professor da escola básica é vista como um lugar malquisto, destinado àqueles que não obtiveram sucesso na carreira de pesquisador. A universidade também precisa rever a distância entre a *História Acadêmica* e a *História Ensinada*, para nós um dos fatores principais do estranhamento dos licenciandos com relação à sala de aula da escola pública, um lugar muito mais cheio de vida do que supõe os que estão de fora. Há uma honestidade e uma vontade de aprender vinda dos alunos nem sempre mencionada nas estatísticas oficiais e, se os problemas existem, eles não são maiores que os preconceitos e os estereótipos que cercam o cotidiano escolar. Em Santarém, no coração da Amazônia, acredito que mesmo com algumas lacunas, a universidade está trilhando o caminho que consolidará licenciaturas fortes e licenciandos comprometidos com a profissão e, nesse contexto, o estágio curricular na escola pública mais do que nunca deve ser defendido e atendido nas demandas dos

estagiários, nas demandas da escola campo de estágio e nas do professor da disciplina na universidade.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Reinaldo dos Santos. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Hilda Mota*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

BARROS, Elias Pereira de. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I, realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Padre Manuel Albuquerque”*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

BRANCHES, Amanda Vitória de Almeida. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Doutora Maria Amália Queiroz de Souza*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em História*. Santarém, 2017, 130 p.

CORREA, Alcimar de Sousa. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Antônio de Sousa Pedroso (Indígena Borarí)*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. 3.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOPES, Bruno de Jesus Sousa. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Ubaldo Correa*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

MATOS, Naira Castro. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Helena Lisboa de Matos*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

NASCIMENTO, Esaú Brilhante do. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Onésima Pereira de Barros*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

NOGUEIRA, Carlos Junio Sarmiento. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Ubaldo Correa*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

PEREIRA, Maurício Vasconcelos. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Raimundo Nonato*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012.

PINTO, Elivaldo Santos. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria de Lourdes Almeida*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

RODRIGUES, Antonio Fagner Imbiriba. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dom Lino Vombommel*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SÁ, Deise Conceição de Sousa Pereira. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria de Lourdes Almeida*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SALES, Raphael da Silva. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Brigadeiro Eduardo Gomes*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SANTOS, Natalino Junior Pedroso dos. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Fluminense*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SANTOS, Pablo Alexandre Silva dos. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Onésima Pereira de Barros*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SILVA, Daniele Melo da. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental São José*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SILVA, Denilson dos Reis. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Brigadeiro Haroldo Veloso*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

SILVA, Elesson Lopes. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Fluminense*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

VASCONCELOS, José Augusto Sena. *Relatório do Estágio Supervisionado em História I realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Onésima Pereira de Barros*. 2019. Licenciatura Plena em História - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.